UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

CLAUDIO ROMUALDO

Vivências, sentimentos e as ações adotadas por estudantes que observam situações de *bullying* escolar à luz da Teoria Social Cognitiva

RIBEIRÃO PRETO
2020

CLAUDIO ROMUALDO

Vivências, sentimentos e as ações adotadas por estudantes que observam situações de *bullying* escolar à luz da Teoria Social Cognitiva

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública.

Linha de pesquisa: Assistência à criança e ao adolescente

Orientador: Marta Angélica Iossi Silva

RIBEIRÃO PRETO
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Romualdo, Claudio

Vivências, sentimentos e as ações adotadas por estudantes que observam situações de *bullying* escolar à luz da Teoria Social Cognitiva. Ribeirão Preto, 2020.

RESUMO EXPANDIDO : il. ; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem em Saúde Pública.

Orientador: Marta Angélica Iossi Silva

1. Adolescência. 2. Violência. 3.Saúde escolar. 4.Ensino Fundamental. 5.Ensino Médio.

ROMUALDO, Claudio

Vivências, sentimentos e as ações adotadas por estudantes que observam situações de *bullying* escolar à luz da Teoria Social Cognitiva

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública.

Aprovado em/...../.....

Presidente

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Comissão Julgadora

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Aos pesquisadores que auxiliaram na discussão dos dados deste estudo, sobretudo o Doutor Albert Bandura e difusores de suas ideias no contexto brasileiro. Aos/às estudantes que, generosamente, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Eu fui à Floresta porque queria viver livre. Eu queria viver profundamente, e sugar a própria essência da vida... Expurgar tudo o que não fosse vida; e não, ao morrer, descobrir que não havia vivido.

— THOREAU

Agradeço a Deus, pela vida e pelo caminho que construiu para mim, pois sempre fui muito abençoado e tenho conseguido percorrê-lo com a vivacidade e intensidade que fazem parte do meu ser.

Muitas pessoas fizeram parte da minha caminhada de 51 anos de vida. Cada uma deixou contribuições e marcas que estão presentes em minha pessoa e em minha atuação profissional. Agradeço a todas elas.

Fazer um doutorado na Universidade de São Paulo — uma das instituições mais importantes do mundo acadêmico e científico — sempre foi um sonho e um desejo que alimentei em todos os meus anos de trabalho na educação; logo, concluir o doutorado em Enfermagem é um momento muito especial porque torna reais esse sonho e desejo. Agradeço ao Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE) e a suas coordenadoras, Professoras Doutoras Marta Angélica Iossi Silva e Maria das Graças Bomfim de Carvalho. No núcleo, fui recebido com acolhimento e encontrei condições plenas para rever, alinhar e desdobrar, nesta tese, minhas ideias iniciais de pesquisa.

O contato com o trabalho da Professora Dra. Marta Angélica Iossi e com sua forma simples de ser me levou a cogitar a possibilidade de ela me orientar no doutorado. Como consequência do trabalho em conjunto, desenvolvi uma admiração profunda por ela e o desejo de participar de suas pesquisas e seus projetos vindouros. Assim, devo frisar: professora Marta, aceite meus agradecimentos mais sinceros pela orientação e mentoria. Sua atuação foi primordial para que eu conseguisse desenvolver a pesquisa e concluir, com êxito, mais uma etapa da minha formação como profissional da educação e como pessoa.

Também no PROASE conheci o Professor Doutor Wanderlei A. Oliveira, que se tornou, primeiramente, um amigo e, depois, um mentor na pesquisa qualitativa. Percorremos um caminho maravilhoso de aprendizagens e muitas risadas. Assim, devo dizer: Professor Wanderlei, agradeço não só a amizade fraterna, mas também a partilha de sua sabedoria e sua paixão pela pesquisa. Estaremos sempre juntos nesta jornada de descobertas.

Agradeço ao meu companheiro, Elder Borges da Silva, que compreendeu meu desejo de percorrer a jornada e me apoiou em todas as suas etapas com paciência e amor.

Acredito que fazemos tudo em círculo de colaboração — que vejo como infinito. Assim, a todos que fizeram parte direta e indiretamente do círculo da pesquisa, agradeço de coração. Com vocês — como disse o poeta Thoreau —, pude viver intensamente. Todos são agora parte da minha história e vão ficar em meu coração. Muito obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

ROMUALDO, Claudio. **Vivências, sentimentos e as ações adotadas por estudantes que observam situações de *bullying* escolar à luz da Teoria Social Cognitiva**. 2020. 111 fl. Tese (doutorado em Ciências) — Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Os índices elevados de ocorrência de *bullying* e suas consequências para os envolvidos o caracterizam como problema de saúde pública global. Na escola, *bullying* tem sido descrito como um tipo de violência intencional, repetitivo e com desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores, ou seja, entre estudantes. Tal noção de violência permeia este estudo, que almejou compreender a vivência de estudantes identificados como observadores e testemunhas de *bullying* na escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativo-descritiva desenvolvida em escola privada de Franca, SP. Vinte discentes do 9º ano do Ensino Fundamental e das três séries do Ensino Médio foram selecionados como estudantes participantes da pesquisa segundo critérios de saturação. Os dados derivaram de respostas de questionário diagnóstico de testemunhos de *bullying* (foram consideradas ocorrências nos seis meses pré-coleta de informações), relatos em entrevistas (semiestruturadas e individuais) e falas em sessões de grupos focais (duas com alunos, duas com alunas, separadamente). A pesquisa seguiu pressupostos da teoria social cognitiva, de Albert Bandura. Os dados gerados foram analisados segundo critérios da análise temática, segundo Braun e Clarke. No diagnóstico realizado se identificou que 79% dos estudantes indicaram que na escola acontece *bullying*. Os resultados foram agrupados em cinco categorias temáticas (testemunho de *bullying* na escola; explicações para ocorrência de *bullying*; tomada de atitude, reforço e sentimentos; lógicas para a intervenção; escolas e famílias). No conjunto dos dados, os estudantes atribuem sentidos adicionais ao fenômeno *bullying* e não o reduzem à manifestação da violência física. Verificou-se também que os participantes demonstram conhecer as situações de *bullying* como problema, mas que muitas vezes lhes falta o senso de autoeficácia para adotar ações de ajuda ou defesa das vítimas. O estudo revela ainda que os participantes só tomaram alguma atitude perante uma situação de *bullying* quando havia relação de afeto ou intimidade com a vítima. A experiência de alunos e alunas divergiu pouco no caso de diálogos individuais (entrevistas) e coletivos (sessões de grupo focal). Ainda assim, cabe salientar a importância de estudantes observadores como grupo de potencial elevado para prevenir *bullying* na escola. Esse potencial, porém, precisa ser explorado mediante ações institucionais que lhes permitam aumentar seu senso de autoeficácia e de responsabilidade coletiva pela abordagem das agressões que testemunham na escola.

Palavras-chave: Adolescência. Violência. Saúde escolar. Ensino Fundamental. Ensino Médio.

ABSTRACT

ROMUALDO, Claudio. **Life experiences, feelings and attitudes of students who observe school bullying based on the Social Cognitive Theory**. 2020. 111 fl. Thesis (doctorate in Sciences) — Ribeirão Preto Nursing School, University of São Paulo, Ribeirão Preto city.

The high rates of bullying occurrences and its consequences for those involved in them characterize such problem as a global one in public health. School Bullying has been described as a type of intentional, repetitive violence with an imbalance of power between victims and aggressors, that is, among students. This notion of violence permeates this study, which aimed to understand the experience of students identified as observers and witnesses of bullying at school. It is a qualitative-descriptive research developed in a private school in the city of Franca, SP. Twenty students of the 9th grade of elementary school and from three grades of high school were chosen to participate in the research according to the saturation criteria. Data were derived from answers to a diagnostic questionnaire on bullying testimonies (occurrences in the six months before the phase of information gathering), from answers in interviews (semi-structured and individual) and accounts in focus group sessions (two sessions with male students, two with female students, separately). The research followed assumptions of social cognitive theory by Albert Bandura. Data generated were analyzed according to the thematic analysis criteria of Braun and Clarke. In the diagnosis, it was found that 79% of students indicated that bullying happens at school. Results were grouped into five thematic categories (testimony of bullying at school; explanations for the occurrence of bullying; attitude, reinforcement and feelings; logics for intervention; schools and families). In the data set, students attribute additional meanings to the phenomenon of bullying and do not reduce it to the manifestation of physical violence. It was also found that the participants demonstrate knowledge of bullying situations as a problem, but that they often lack the sense of self-efficacy to adopt actions to help or defend the victims. The study also reveals that the participants only acted in the face of a bullying situation when there was an affectionate or intimate relationship with the victim. The experience of female students and male students differed little when it comes to individual dialogues (interviews) and collective dialogues (focus group sessions). Even though, it is worth noting the importance of observer students as a group of high potential to prevent bullying at school. This potential, however, needs to be explored through institutional actions that allow such students to increase their sense of self-efficacy and collective responsibility as to addressing bullying events they witness at school.

Keywords: Adolescence. Violence. School health. Elementary school. High school.

RESUMEN

ROMUALDO, Claudio. **Vivencias, sentimientos y acciones adoptadas por estudiantes que observan situaciones de *bullying* escolar de acuerdo con la Teoría Social Cognitiva**. 2020. 111 p. Tese (doctorado en Ciências) — Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, ciudad de Ribeirão Preto.

Las tasas elevadas de ocurrencia de intimidación escolar (*school bullying*) y sus consecuencias para los involucrados lo caracterizan como un problema mundial de salud pública. La intimidación en el espacio de la escuela ha sido descrita como un tipo de violencia intencional y repetitiva con un desequilibrio de poder entre las víctimas y los agresores, es decir, entre los estudiantes. Esta noción de violencia impregna este estudio, que buscó comprender la experiencia de los estudiantes identificados como observadores y testigos de intimidación escolar. Como una investigación cualitativa-descriptiva, este estudio fue desarrollado en una escuela privada de la ciudad de Franca (SP). Veinte estudiantes de 9º grado de la escuela primaria y de los tres grados de la escuela secundaria fueron seleccionados, de acuerdo con criterios de saturación, para ser informantes en la investigación. Los datos se derivaron de las respuestas a un cuestionario diagnóstico de testimonios de intimidación escolar (ocurrencias en los seis meses anteriores a la búsqueda de información), locuciones en entrevistas (semiestructuradas e individuales) y discursos en sesiones de grupos focales (dos con alumnos, dos con alumnas, por separado). La investigación siguió supuestos de la teoría cognitiva social de Albert Bandura. Los datos generados se analizaron según criterios del análisis temática de Braun e Clarke. En el diagnóstico, se encontró que 79% de los estudiantes indicaron que el acoso ocurre en la escuela. Los resultados se agruparon en cinco categorías temáticas (testimonio de intimidación escolar; explicaciones para la ocurrencia de intimidación escolar; actitud, refuerzo y sentimientos; lógica para la intervención; escuelas y familias). En el conjunto de datos, los estudiantes atribuyen significados adicionales al fenómeno de la intimidación y no lo reducen a la manifestación de violencia física. También se descubrió que los participantes demuestran conocimiento de las situaciones de acoso como un problema, pero que a menudo carecen del sentido de autoeficacia para adoptar acciones para ayudar o defender a las víctimas. El estudio también revela que los participantes solo tomaron algunas medidas ante el acoso escolar cuando hubo una relación afectiva o íntima con la víctima. La experiencia de alumnos y alumnas tuvieron pocas diferencias en diálogos individuales (entrevistas) y diálogos colectivos (sesiones de grupos focales). Sin embargo, es preciso señalar la importancia de los estudiantes observadores como un grupo de alto potencial para prevenir la intimidación escolar. Por supuesto, este potencial debe ser explorado a través de acciones institucionales que permitan a los alumnos aumentar su consciencia de su propia eficacia y de la responsabilidad colectiva cuanto a abordar las agresiones que presencian en la escuela.

Palabras-clave: Adolescencia. Violencia. Salud escolar. Escuela elemental. Escuela secundaria.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Estudantes observadores de <i>bullying</i> : o estado da arte	11
1.2	Promoção da saúde do escolar	11
1.3	Justificativas e relevâncias do estudo	11
2	MARCO TEÓRICO: TEORIA SOCIAL COGNITIVA	13
3	OBJETIVOS	14
3.1	Geral	14
3.2	Específicos	14
4	MÉTODO	15
4.1	Tipo de estudo	15
4.2	Cenário	15
4.3	Seleção e agrupamento de participantes	15
4.4	Instrumento e técnicas de coleta de informações	15
4.5	Coleta de dados	15
4.6	Análise de dados	16
4.7	Critérios de confiabilidade	16
4.8	Considerações éticas	16
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5.1	Testemunho de <i>bullying</i> na escola	17
5.2	Explicações para a ocorrência do <i>bullying</i>	18
5.3	Tomada de atitude, reforço e sentimentos	19
5.4	Lógicas para intervenção	20
5.5	Escolas e famílias	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Bullying é um fenômeno de projeção mundial que ocorre, sobretudo, no ambiente escolar. Trata-se de violência intencional que acontece de forma constante entre estudantes e em uma relação de desequilíbrio de poder (OLIVEIRA et al., 2016a; OLWEUS, 2013). Os protagonistas desse tipo de situação incluem vítimas, agressores, vítimas-agressores e observadores. Como estudantes, todos podem sofrer as consequências: vítimas podem apresentar problemas comportamentais ou psicossomáticos; agressores podem se envolverem em comportamentos antissociais; observadores podem apresentar problemas de adaptação social ou sentimentos de insegurança na escola (SALMIVALLI et al., 2011; SILVA et al., 2016; THOMPSON-OCHOA; HODGDON, 2019).

Como um tipo de violência, *bullying* envolve não apenas vítimas (estudantes agredidos) e agressores (praticantes da agressão), pois a maioria dos alunos presencia situações de agressão de tal tipo. Esse testemunho ocorre em 80%–85% dos casos (JONES et al., 2015; PADGET; NOTAR, 2013). Muitos ignoram as ações dos colegas, fingindo não ver; outros se retraem, ou então aderem ao grupo dos “valentões” como estratégia para não se converterem em vítimas. Há os que incentivam, aplaudem e se divertem à custa do sofrimento alheio. O resultado desse cenário é o surgimento de um clima de insegurança, medo, descompromisso, intolerância e falta de empatia e solidariedade na escola; o que pode contribuir para aumentar a ocorrência do fenômeno e sua banalização consequente no contexto escolar.

Assim sendo, esse estudo elegeu como objeto de estudo os estudantes que observam ou testemunham situações de *bullying* na escola. O estudo foi orientado pelas seguintes questões: o que estudantes observadores pensam das situações de *bullying* que testemunharam? Que comportamentos e sentimentos são referidos por estudantes observadores ante uma situação testemunhada? Que elementos da estrutura social são determinantes para que estudantes observadores adotem comportamentos de defesa ou passividade perante situações de *bullying*? Como alunos e alunas se comportam, distintamente, em situações de *bullying* que testemunham?

Essa introdução está dividida em subcapítulos. Primeiramente, são apresentados resultados de uma revisão da literatura sobre o fenômeno analisado. Em seguida, explora-se aspectos da perspectiva da promoção da saúde que auxiliaram no exame dos dados empíricos. E o terceiro subcapítulo revela as justificativas e as relevâncias desse estudo.

1.1 Estudantes observadores: o estado da arte

Para o desenvolvimento dessa tese foi realizada uma ampla revisão de literatura que focalizou a observação de *bullying* na escola. O objetivo foi evidenciar características principais de estudantes observadores de situações de *bullying* e as contribuições desse tipo de envolvimento com o fenômeno para pensar em pesquisas na área da saúde e em estratégias contra a intimidação sistemática. Maiores informações sobre a revisão e os resultados identificados podem ser conferidas na publicação dela decorrente (ROMUALDO et al., 2019)¹.

1.2 Promoção da saúde do escolar

Ao discutir *bullying* como fenômeno grupal (entre escolares), marcado pela interação social adoecida e que influencia o desenvolvimento saudável dos adolescentes e seu processo de construção subjetiva, este estudo se situa no campo de investigação da Saúde Coletiva e da Saúde da Criança e do Adolescente. Com efeito, promover a saúde supõe melhorar a qualidade de vida e bem-estar pessoal, conscientizar as pessoas de seu potencial de saúde e estimular a autonomia e adoção de hábitos saudáveis. Segundo essa lógica, cabe uma indagação quanto à saúde escolar neste estudo: o que representa a opção pela promoção da saúde? Com efeito, promover a saúde na escola permite ver situações de *bullying* como fenômeno social que impacta na saúde de crianças e adolescentes em três perspectivas centrais: educação para a saúde com enfoque integral; criação e manutenção de entornos e ambientes saudáveis por meio da abordagem das relações interpessoais; enfim, escola como lugar estratégico para ações dos serviços de saúde pró-mudança de hábitos e comportamentos.

1.3 Justificativa e relevância do estudo

Este estudo pretendeu contribuir para a área acadêmica e científica da saúde e da enfermagem com acréscimo ao conhecimento científico sobre *bullying*, ao conjunto de saberes já produzido (justificativa científica da pesquisa). O estudo correspondeu aos interesses de pesquisas já desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Programa de Assistência

¹ ROMUALDO, C. et al. Papeles, características y consecuencias del acoso escolar entre estudiantes observadores. *Salud & Sociedad*, v. 10, n. 1, p. 66-78, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.22199/S07187475.2019.0001.00005>>.

Primária de Saúde Escolar (PROASE) da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto (EERP/USP) (justificativa institucional da pesquisa).

A justificativa social da pesquisa reside na sua potencialidade para compreender o problema do *bullying* a partir da perspectiva do estudante observador. Por fim, a trajetória do pesquisador responsável na educação e gestão escolar, bem como seus interesses de estudo/pesquisa, constituem a justificativa pessoal para o desenvolvimento do estudo.

Assim, três relevâncias do estudo podem ser apontadas: 1) aumenta a compreensão de fatores que podem ampliar ou diminuir a ocorrência de *bullying* nas escolas; 2) expõe uma realidade pouco explorada por estudos brasileiros sobre intimidação sistemática: a realidade de estudantes de escolas; e 3) apresenta abordagem inédita na pesquisa brasileira: sobre estudantes observadores de *bullying*.

2 MARCO TEÓRICO: TEORIA SOCIAL COGNITIVA

Esse estudo se fundamenta nos aportes da Teoria Social Cognitiva, proposta pelo canadense Albert Bandura (AZZI, 2011; BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008). Um dos pressupostos centrais da teoria, como dizem Bandura, Azzi e Polydoro (2008), revela que os comportamentos são aprendidos socialmente à medida que são observados, internalizados e podem ser reproduzidos. Na visão de Bandura, Azzi e Polydoro (2008), a Teoria Social Cognitiva não vê o homem como ser passivo dominado por forças ambientais; antes, ele é visto como agente que responde a todos os processos nos quais está implicado e os quais influencia. Assim, os comportamentos não precisam ser reforçados para ser aprendidos. As pessoas aprendem e adquirem experiências observando as consequências de certos comportamentos em seu ambiente, tanto quanto as vivências de outros com quem convivem, a exemplo das experiências entre discentes de uma escola.

Tendo em vista a abordagem sobre estudantes que observam situações de *bullying* na escola, a Teoria Social Cognitiva se impõe como fonte de questionamentos e problematização que são encaminhadores úteis para compreender e explicar determinantes presentes nas ações de ajuda oferecidas às vítimas; igualmente, presentes na omissão ou no apoio aos agressores. Conceitos como aprendizagem por observação, adaptação, mudança e modelação social são essenciais para compreender o fenômeno pela lógica dos observadores. Além disso, autoeficácia, a autorregulação e a agência moral são outros constructos da teoria relevantes para o estudo em tela.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Conhecer a vivência de estudantes de escola privada identificados como observadores (testemunhas) de situações de *bullying*.

3.2 Objetivos específicos

- Delinear sentimentos e comportamentos adotados por estudantes que testemunharam situações de *bullying*.
- Analisar aspectos presentes no relato de discentes de escola privada que apontem a adoção de comportamentos de defesa ou passividade ante situações de *bullying*.
- Identificar diferenças entre alunas e alunos de instituição privada quanto a vivência, comportamentos adotados e sentimentos perante situações de *bullying* que testemunharam.

4 MÉTODO

4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritivo e exploratório.

4.2 Cenário

A pesquisa foi realizada em escola privada de bairro central de Franca, cidade do nordeste de São Paulo e a quase 400 quilômetros de distância da capital paulista. A escola foi selecionada por conveniência. Deste estudo participaram discentes do 9º ano do Ensino Fundamental e das três séries do Ensino Médio.

4.3 Participantes

Na primeira etapa do estudo – diagnóstico de observação de *bullying* entre os estudantes – participaram 62 estudantes. Desse grupo, 20 estudantes foram selecionados para entrevistas semiestruturadas e sessões de grupo focal na segunda etapa da pesquisa. A definição do número final de estudantes participantes seguiu o critério da saturação na etapa de entrevistas.

4.4 Instrumento e técnicas de coleta de informações

Questionário para identificar estudantes observadores de situações de bullying na escola (DALOSTO, 2011). Para a pesquisa foram extraídas do questionário apenas questões referentes ao testemunho.

Entrevistas individuais semiestruturadas. Foi utilizado um roteiro construído para essa pesquisa que versava sobre o testemunho de agressões entre discentes na escola e a forma como identificam essas situações, as atitudes tomadas e o que sentem quando identificam a ocorrência de *bullying*.

Grupo focal. Foram realizadas quatro sessões de grupo focal: duas com alunos, duas com alunas. As sessões seguiram dois modelos, adaptados ao sexo dos participantes.

4.5 Coleta de dados

Os dados foram coletados entre abril e maio de 2019. A primeira estratégia de coleta usada foi a aplicação coletiva de questionário para identificar estudantes que observaram

situações de *bullying*, antecedida pela apresentação da pesquisa e seus objetivos. O tempo médio da aplicação dos questionários foi de 25 minutos em cada sala. Somente participaram estudantes que devolveram ao pesquisador Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos pais ou responsáveis. Com base nas informações coletadas pelos questionários, foram sorteados alunos e alunas para participar da etapa seguinte do estudo — as entrevistas individuais. Em seguida, as sessões de grupo focal foram realizadas. Os áudios das entrevistas e das sessões de grupo focal foram gravados e transcritos na íntegra.

4.6 Análise dos dados

O desenvolvimento da pesquisa e das análises se embasou na Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008). Além disso, a leitura analítica dos dados seguiu os passos da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006: 1) familiarização com os dados; 2) geração de códigos iniciais; 3) procura por temas; 4) revisão de temas; 5) definição e nomeação de temas; e 6) produção do relatório de pesquisa.

4.7 Critérios de confiabilidade

Para verificar a confiabilidade da pesquisa aqui descrita, este estudo adotou os quatro critérios propostos por Guba (1981) e sistematizados por Shenton (2004). Ei-los: a *credibilidade* — em substituição à validade interna dos estudos quantitativos; a *transferibilidade* — em substituição à validade externa e ao poder de generalização dos estudos quantitativos; a *confiabilidade*; enfim, a *confirmabilidade* — em substituição à objetividade dos estudos quantitativos (SHENTON, 2004, p. 64).

4.8 Considerações éticas

O desenvolvimento deste estudo seguiu as recomendações da resolução 466/2012. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, com CAAE n. 85461718.3.0000.5393, Ofício CEP-EERP/USP nº 124/2018.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos estudantes participantes (n=62) desse estudo declarou conhecer a palavra *bullying*. Apenas 5% informaram desconhecê-la. A taxa de observação foi elevada: apenas 21% informaram não ter observado situações de *bullying* na escola nos seis meses pré-coleta de dados. Verificou-se que o tipo de violência mais testemunhado (57 referências) foi zombaria ou humilhação. Após esse diagnóstico, foram sorteados os participantes das entrevistas e dos grupos focais. Os dados dessas etapas de pesquisa foram organizados em temas que são apresentados a seguir.

5.1 Testemunho de *bullying* na escola

Nesse estudo se constatou, em consonância com a literatura especializada, que a maioria dos estudantes já testemunhou situações de *bullying* na escola. Além disso, nessa categoria temática também se explorou os conceitos de *bullying* dos estudantes participantes. Nesse sentido, a maioria dos participantes apresentou uma definição de *bullying* associada com os objetivos dos agressores ou relacionada com intenção/responsabilidade social. Foi possível compreender a conotação negativa (a gravidade da questão) do fenômeno para estudantes participantes.

Sobre o testemunho das situações de *bullying*, houve muitos relatos afins. Estes foram ancoradas em definições apresentadas pelos estudantes participantes. Em geral, o tipo de violência mais referido foi a verbal: apelidos pejorativos, palavras de desdém ou desvalorização fundados em características ou singularidades pessoais manifestadas pela vítima.

A ofensa verbal pode ser continuação de algo iniciado aleatória e despropositadamente que virou atitude agressiva proposital em razão das interações discentes. Contudo, ao reconhecerem que os apelidos pejorativos manifestam a intimidação sistemática, os estudantes participantes da pesquisa — discentes de escola privada, cabe lembrar — revelaram ter um entendimento preciso do problema da intimidação sistemática no ambiente escolar. Essa abordagem interpretativa que reconhece a violência verbal como problema grave a ser combatido amplia a análise da problemática, que passa a ser reconhecida como multifacetada, com formas diferentes de manifestação. Por exemplo, o uso de apelidos pejorativos seria um tipo de comunicação violenta entre pares que leva a refletir sobre o termo “comunicação

alienante”, alusivo ao uso do apelido para expressar um comportamento agressivo (MARTINOT; FIEDLER, 2016).

No que se refere à interpretação desse dado, no caso dos participantes dos estudos de Bandura, bastava a exposição ao comportamento agressivo para que se efetivassem ensinamentos dessa natureza (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008; CALHAU, 2011). Em caso de *bullying* especificamente, os espectadores adquirem novos repertórios comportamentais com base na observação de comportamento desviante e agressivo de colegas, sem que esse comportamento seja reforçado necessariamente. Isso porque há um processo de internalização de que aquele comportamento é tolerável, permitido e que a exploração dos simbolicamente vistos como mais fracos vai sendo naturalizada no grupo de pares (CALHAU, 2008).

Tal aprendizagem por observação é fundamentada em um modelo cuja estrutura cultural e social de conhecimento contribui para o desenvolvimento de formas específicas de testemunhar, interpretar, avaliar e responder com atitudes/comportamentos a eventos e fenômenos de violência (MELLO et al., 2015). Ela vai fazendo com que os adolescentes percebam o mundo como perigoso e a agressão e o comportamento agressivo como métodos legítimos para resolver conflitos e problemas de interação social; sobretudo, quando estamos pensando em lidar com a diversidade, com o outro que é diferente ou pensa diferentemente etc. (MELLO et al., 2015).

5.2 Explicações para ocorrência de *bullying*

Entre os participantes desse estudo, a explicação unânime sobre os motivos para ocorrer *bullying* se concentrou nas questões macrossociais e nos padrões estabelecidos pela sociedade sobre o que é mais “correto”, “natural” e “normal”. Os padrões sociais acabam se impondo no grupo de pares, que é regido pelas regras ou pela determinação da sociedade de como relações devem acontecer. Trata-se de assunto recorrente nos estudos sobre *bullying*, sobretudo quando se aborda a intimidação sistemática de homossexuais (BARUCH-DOMINGUEZ; INFANTE-XIBILLE; SALOMA-ZUNIGA, 2016) e de imigrantes (DONGHI, 2016).

Alguns participantes também atribuíram às relações familiares as maiores explicações para a ocorrência de *bullying*. A literatura específica endossa a ideia da família com fator influente na ocorrência de *bullying* na escola. A comunicação entre pais e filhos, o clima familiar, a maneira como as relações se configuram no meio familiar e o uso de punição física

ou castigos severos são considerados variáveis tendentes a fazer um discente se tornar agressor (ou vítima) de *bullying* na escola (OLIVEIRA, 2017). Na família, os valores sociais, os índices de tolerância ou intolerância vão sendo construídos, depois aparecem na escola (OLIVEIRA, 2017).

Contudo, alguns participantes também atribuem às vítimas as causas para as agressões. A ideia de *bullying* como consequência da vítima pode levar à falta de sentimentos de empatia pelas vítimas e à manutenção de alunos na função de espectadores, mas sem a capacidade de ter comportamentos de ajuda/defesa (ROMUALDO et al., 2018). O entendimento é de que, muitas vezes, os observadores não agem porque — ele ou ela — acreditam que, de algum modo, a agressão é culpa da vítima (ROMUALDO et al., 2018).

A linguagem eufemística foi outro mecanismo a que os estudantes participantes recorreram para explicar a ocorrência de *bullying*. Operativamente, o eufemismo alude à tentativa de mascarar certos comportamentos com um vocabulário que abranda a gravidade da ação ou lhe atribui sentidos mais aceitáveis socialmente (AZZI, 2011). Com o uso da linguagem eufemística para explicar a ocorrência de *bullying*, os estudantes acabam naturalizando ou tornando comum esse tipo de comportamento na escola; ou seja, a interpretação de que a agressão pode ser de brincadeira fica comum e aplicável a outros casos de violência (CALHAU, 2011; IGLESIAS, 2008).

Além disso, a culpa do agressor foi assinalada em alguns momentos, em especial nas discussões dos grupos focais. Por outro lado, os estudantes participantes se referiram às questões de grupo como centrais para explicar atos de *bullying*. Muitas vezes, é a dinâmica do grupo que pode propiciar a ocorrência. *Bullying*, nessa lógica, parece reproduzir a dinâmica social em que quem é percebido como mais forte ataca quem é tido como mais fraco. Dinâmica esta que é mantida, pois quanto mais dominação houver, maior tende a ser o poder do agressor no grupo (FARIS; FELMLEE, 2014).

5.3 Tomada de atitude, reforço e sentimentos

As atitudes, os comportamentos e os sentimentos expressos pelos participantes deste estudo revelam o papel da plateia (grupo de observadores) na manutenção e interrupção das situações de *bullying* nas escolas. De início, as alunas entendem coletivamente que, quando testemunham tal situação, têm de interferir ou interromper a agressão. O papel dos observadores e da plateia assinalado pelos estudantes participantes deste estudo permite reconhecer a prática de *bullying* no contexto da escola que foi lócus de pesquisa. O fenômeno

é caracterizado por seus traços principais — como assinalado em outra categoria temática; também se revela nessa avaliação inicial que fazem do papel deles e do papel da plateia. Mas a avaliação não se sustenta nem se converte, muitas vezes, em comportamento de ajuda às vítimas.

A atitude tomada com mais expressividade em relação à vítima foi a de conversar, sobretudo com a manifestação de pedidos para desconsiderar as agressões. Também foram incluídos outros colegas para inibir a exclusão de discentes vitimizados. Nos grupos focais, a tomada de atitude foi ampliada. Alunas e alunos ponderaram que a intervenção deveria ser em meio aos agressores. Essa perspectiva defendida é coerente com a literatura específica, que indica, em geral, uma porcentagem maior de agressores quando comparada com o número de vítimas em estudos de prevalência.

Outra atitude adotada pelos participantes foi procurar a ajuda de algum adulto. A busca de ajuda em meio a adultos revela o sentimento de ineficácia da ação dos observadores, sobretudo quando os agressores são fisicamente maiores ou discentes de séries mais avançadas. Mas chamar um adulto para intervir ou estar ciente do fato é atitude positiva, porque implica a presença de autoridade escolar na resolução de conflitos e problemas entre escolares. Ao mesmo tempo, convém que os estudantes percebam o apoio de professores e outros adultos, pois é essa a percepção que se associa à repetitividade de comportamentos de ajuda a vítimas ou de comportamentos indiferentes a *bullying* que reduzem significativamente a probabilidade de ajudar/defender (CHOI; CHO, 2013).

5.4 Lógicas para intervenção

Os estudantes participantes da pesquisa entenderam a gestão da violência do tipo *bullying* na escola como emergência. Para eles, a responsabilidade tem dimensões múltiplas: o empoderamento da vítima, o fortalecimento de sua rede de apoio e a atuação de discentes vistos como populares contra atos de *bullying*. Ao pensarem nas lógicas para intervenção, pensam em uma fase que inclui o processo de decisão individual das vítimas — aspecto este ampliado aos poucos — e ações com agressores, suas famílias e escolares considerados como mais populares na escola.

Identificou-se que fatores pessoais e contextuais devem ser considerados nos programas de intervenção. Para os estudantes participantes, das características pessoais importa considerar o desenvolvimento de competências/habilidades sociais; além disso, as vítimas devem repensar em

sua posição nos grupos. Sobre características do meio, verificou-se a necessidade tanto de estimular o diálogo com agressores para que reconheçam a gravidade quanto de aprofundar a intervenção com inclusão das famílias. Também no meio contextual devem ser fomentadas iniciativas de intervenção, enquanto os discentes populares na escola seriam incluídos nas ações e na constituição de redes de apoio. Assim, segundo os participantes, a gestão do comportamento agressivo não deve consistir apenas de sanções hierárquicas ou autoritárias, como expulsão ou suspensão por tempo limitado.

Os dispositivos educacionais/disciplinares como suspender os agressores ou, em alguns casos, excluí-los do contexto escolar não são considerados efetivos, além disso impediram que tais discentes apreendam aspectos da cultura e da convivência (VINHA et al., 2017). Os estudantes participantes também compreendem que revidar agressões não resolve o problema. A lógica do revide é comum e, muitas vezes, pode ser estimulada pelo contexto social, pelos colegas ou pelas famílias da vítima. Em geral, estas podem disseminar as seguintes recomendações: “[...] quando alguém bater, bata também; quando alguém xingar, bata; quando alguém xingar, xingue também; quando não puder resolver o problema conversando, melhor resolver brigando” (NOBRE et al., 2018, p. 4.301). Essas situações se aplicam ao caso de violência física e verbal, além de abarcarem uma compreensão de que a violência é recurso válido para lidar com conflitos ou desavenças.

5.5 Escolas e famílias

A escola é lugar de encontros; e, a julgar pela experiência dos estudantes participantes, também de conflitos e outras formas de violência que parecem ser experiências comuns. Segundo os estudantes participantes, no convívio escolar são comuns situações em que alunos se chocam ou se esbarram mutuamente, assim como é frequente o uso de apelidos pejorativos. Em alguns casos, professores e outros profissionais testemunham essas situações.

Os estudantes participantes apresentam uma expectativa de que a escola cumpra apenas seu papel pedagógico na formação educacional, ou seja, que trate apenas de conteúdos e formas de trabalhá-lo e que ajude na progressão discente nos níveis da formação escolar. Assim como os discentes, docentes são personagens essenciais ao combate a situações de *bullying*. Como se lê na literatura específica, podem ajudar no processo de socialização de vítimas e com ações de prevenção. Os estudos indicam que, em geral, têm conhecimento do assunto intimidação sistemática, entendem questões do fenômeno e conseguem conceituá-lo (TREVISOL; CAMPOS, 2016; SILVA et al., 2014).

Os participantes ainda revelaram a percepção de que a família deve ser incluída no debate *antibullying* em nome da compreensão do problema. Para os estudantes participantes, as famílias têm papel essencial na formação da prole, pois problemas na formação familiar podem explicar a prática de *bullying* na escola. De fato, há estudos, como os de Oliveira et al. (2019; 2018), que apontaram variáveis de ordem familiar como contributivas para a ocorrência ou manutenção do fenômeno nas escolas. Concluíram que a comunicação positiva, o estabelecimento de regras e a monitoria familiar podem ter efeito de proteção nos discentes, ao passo que a má comunicação e o castigo físico tendem a aumentar a chance de filhos e filhas se envolverem em situações de intimidação sistemática na escola. Afinal, é no contexto familiar que vão ser vivenciadas as primeiras aprendizagens, em especial de valores humanos e morais, como sustentam os autores.

Além disso, estudos como o de Melo-Dias e Silva (2019) demonstraram associação entre comportamento discente agressivo na escola e variáveis familiares diferentes. Essa associação pode ser explicada pela teoria social da aprendizagem de Bandura, segundo a qual atitudes e comportamentos são aprendidos ou reforçados pelos pais, nas relações com a criança e com o adolescente. Esse modelo de entendimento dos processos de aprendizagem enfatiza o desenvolvimento de padrões comportamentais que ultrapassam o ambiente familiar e são aplicados a outros contextos (por exemplo, entre pares na escola) (MELO-DIAS; SILVA, 2019). Dessa forma, os estudos recomendam que programas *antibullying* tenham a participação da família (dos pais).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado condensa elementos de muito do que foi estudado sobre a observação de *bullying* na escola. Com enfoque qualitativo e à luz da Teoria Social Cognitiva, a pesquisa produziu resultados que expuseram vivências, sentimentos e ações adotadas pelos estudantes participantes: observadores de *bullying*. Os dados subjacentes aos resultados foram analisados, de forma exploratória, em categorias temáticas; convém frisá-las: testemunho discente de situações de intimidação sistemática na escola; explicações possíveis dos discentes para tais situações; tomada de atitude e apatia ante agressões; ideias de intervenção; responsabilidade da escola e da família. Essas categorias emergiram de informações coletados em entrevistas individuais e de diálogos coletivos (construídos em sessões de grupo focal).

Embora o estudo possua muitos pontos fortes, seus resultados se sujeitaram a limitações. Primeiramente, o *número de participantes* limitou o volume e a diversidade das informações e amostras; dados mais horizontais. Em segundo lugar, a *desconsideração de variáveis* ambientais ou contextuais limitou o número de atributos dos participantes, pois informações sobre o tipo de família e condições sociodemográficas, dentre outras, podem influenciar nas concepções que os estudantes têm o problema. E em terceiro lugar, a *abordagem qualitativa* limita a generalização dos achados da pesquisa.

No campo das implicações práticas, este estudo revela que as intervenções têm de focar em mecanismos que deixem discentes observadores de *bullying* seguros para intervir com êxito mediante a ampliação da empatia e do sentimento de justiça quando testemunharem agressão entre pares na escola (às vezes entre colegas). Pressupõe-se que os achados deste estudo possam ser úteis para preparar os alunos observadores de situações de *bullying* para a defesa ou ajuda das vítimas. Também vale frisar que o presente estudo amplia o entendimento de como *bullying* se manifesta na escola, sobretudo na privada; podendo ajudar a projetar a importância da experiência do aluno: as formas de vivenciar e processar o problema no contexto da escolarização em instituição privada, em especial as do estudante que observa e testemunha a violência em contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- AZZI, R. G. Desengajamento moral na perspectiva da Teoria Social Cognitiva. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, p. 208–19, 2011.
- BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: ArtMed, 2008.
- BARUCH-DOMINGUEZ, R.; INFANTE-XIBILLE, C.; SALOMA-ZUNIGA, C. E. Homophobic bullying in Mexico: Results of a national survey. **Journal of Lgbt Youth**, 13, n. 1–2, p. 18–27, 2016.
- CALHAU, L. B. Bullying e a contribuição de Albert Bandura. In: FÓRUM PARAIBANO DE COMBATE AO BULLYING E INCENTIVO À CULTURA DE PAZ, 2008. **Anais...** João Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://www.mp.to.gov.br/cint/cesaf/arqs/300309035719.pdf>>. Acesso em: 21 de out. de 2019.
- CALHAU, L. B. **Bullying: o que você precisa saber**. Rio de Janeiro: Impetus, 2011.
- CHOI, S.; CHO, Y. I. Influence of psychological and social factors on bystanders' roles in school bullying among Korean-American students in the United States. **School Psychology International**, v. 34, n. 1, p. 67–81, 2013.
- DALOSTO, M. M. **O aluno com altas habilidades/superdotação e o bullying: manifestações, prevalência e impactos**. 2011. 115f. Dissertação (mestrado em Educação) — Universidade Católica de Brasília.
- DONGHI, E. Discriminatory bullying: psychological well-being and victims' social adjustment. **Maltrattamento e Abuso all'Infanzia**, 18, n. 1, p. 9–28, 2016.
- FARIS, R.; FELMLEE, D. Casualties of social combat: school networks of peer victimization and their consequences. **American Sociological Review**, 79, n. 2, p. 228–57, 2014.
- IGLESIAS, F. Desengajamento moral. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. (Org.). **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008, p. 165–76.
- JONES, L. M. et al. Victim reports of bystander reactions to in-person: a national survey of adolescents. **J Youth Adolesc**, v. 44, n. 12, p. 2.308–20, 2015.
- MARTINOT, A. F.; FIEDLER, A. J. C. B. A importância da CNV — comunicação não violenta na realização do processo de autoconhecimento. **Educação**, v. 11, n. 1, p. 58–77, 2016.
- MELO, M. C. B. et al. Avaliação do comportamento agressivo de adolescentes. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 20, n. 6, p. 1861–8, 2015.
- MELO-DIAS, C.; SILVA, C. F. Teoria da aprendizagem social de Bandura na formação de habilidades de conversação. **Psic., Saúde & Doenças**, v. 20, n. 1, p. 101–13, 2019.

- NOBRE, C. S. et al. Fatores associados à violência interpessoal entre crianças de escolas públicas de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4.299–309, 2018.
- OLIVEIRA, W. A. et al. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, v. 92, n. 1, p. 32–39, 2016a.
- OLIVEIRA, W. A. **Relações entre bullying na adolescência: do singular ao plural**. 2017. 160f. Tese (doutorado em Saúde Pública) — Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- OLIVEIRA, W. A. et al. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23, p. 751–61, 2018.
- OLIVEIRA, W. A. et al. Self-justification processes related to bullying among Brazilian adolescents: a mixed methods study. **Frontiers in Psychology**, v. 10, e1086, 2019.
- OLWEUS, D. School bullying: development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 9, n. 1, p. 751–80, 2013.
- PADGETT, S., NOTAR, C.E. Bystanders are the key to stopping bullying. **Universal Journal of Educational Research**, v.1, p. 33–41, 2013.
- ROMUALDO, C. et al. Prevalência e fatores de risco para o bullying escolar: revisão da literatura. *Trilhas Pedagógicas*, v. 8, n. 8, p. 235–48, 2018.
- ROMUALDO, C. et al. Papeles, características y consecuencias del acoso escolar entre estudiantes observadores. **Salud & Sociedad**, v. 10, n. 1, p. 66–78, 2019.
- SALMIVALLI, C. et al. Bystanders matter: associations between reinforcing, defending, and the frequency of bullying behavior in classrooms. **J Clin Child Adolesc Psychol**, v. 40, n. 5, p. 668–76, 2011.
- SILVA, M. A. I. et al. O olhar de professores sobre o bullying e implicações para a atuação da enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, v. 48, n. 4, p. 723–30, 2014.
- SILVA, J. L. et al. Associações entre bullying escolar e conduta infracional: revisão sistemática de estudos longitudinais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, p. 81–90, 2016.
- THOMPSON-OCHOA, D.; HODGDON, P. The impact of bullying and victimization among deaf students in residential schools and distressful behaviors of deaf students. **International Journal of Psychology and Counselling**, v. 11, n. 5, p. 39–45, 2019.
- TREVISOL, M. T. C.; CAMPOS, C. A. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 20, n. 2, p. 275–84, 2016.
- VINHA, T. et al. **Da escola para a vida em sociedade**. O valor da convivência democrática. Americana: Adonis, 2017. 248p.